

PARA VS. QUE EM ORAÇÕES ENCAIXADAS NO PB*

Daniel Carvalho

Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Este trabalho discute alguns problemas gerados pela assunção tradicional de *para* como complementizador encabeçando estruturas infinitivas encaixadas no PB, através do processo de reanálise. São tecidas algumas considerações a partir de evidências empíricas que desfavorecem tal proposta. É sugerida uma revisão da análise de Salles (2000) sobre *para* encabeçando uma oração infinitiva equivalente a *que* em orações subjuntivas. É feita também uma descrição dos dois tipos de estrutura a fim de verificar a força do traço lexical de *para*.

Palavras-chave: Preposição; complementizador; infinitivo; subjuntivo; duplicação

1. Introdução

Alguns fenômenos lingüísticos no Português Brasileiro (PB) intrigam muitos estudiosos e põem em xeque algumas posições teóricas. Uma dessas questões envolve o infinitivo no PB que, junto a pouquíssimas outras línguas (Português Europeu (PE), Holandês, Galego, Húngaro, por exemplo), pode apresentar flexão morfológica de concordância. O estatuto da presença/ausência de flexão morfológicamente visível no infinitivo para o PB não é algo pacífico (isso não quer dizer que para as outras línguas o seja, porém não pretendo contemplá-las neste trabalho) e envolve algumas questões de cunho sintático-semântico dentro da sentença. Há ainda outras características do infinitivo no PB, como sua natureza, a possível

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada inicialmente na mesa-redonda "Variação e mudança lingüística na sintaxe do português brasileiro", no II Congresso Acadêmico da Universidade Federal de Alagoas, em outubro de 2005. Agradeço a Claudia Roberta Tavares Silva e Dorothy Bezerra Silva de Brito pela leitura atenciosa da primeira versão deste texto e das conseqüentes sugestões. Qualquer erro remanescente é de minha responsabilidade. Daniel Carvalho é doutorando em Lingüística pela Universidade Federal de Alagoas.

presença de sujeito realizado (DP lexical) na estrutura encaixada e a possibilidade de um pronome oblíquo nessa posição "sujeito" no caso de infinitivo preposicionado. Essas questões formam o pano de fundo para a discussão que me proponho fazer.

Há alguns estudos, dentro da perspectiva da Gramática Gerativa chomskyana, mais especificamente na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986, 1993) e em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), sobre estruturas encaixadas infinitivas encabeçadas por preposição no PB (cf. ROCHA, 1989 sobre a preposição *de*; BOTELHO PEREIRA & RONCARATTI, 1993 e SALLES, 2000 sobre a preposição *para*). Neste artigo, farei algumas observações sobre as estruturas infinitivas encabeçadas por *para*, discutindo as propostas das referências acima. O objetivo principal será verificar a natureza categorial de *para* e a consequência disso para a sentença em construções encaixadas infinitivas e subjuntivas em que aparece, assumindo ser ele um elemento com traço lexical forte, no caso de encabeçar o infinitivo, ou fraco, precedendo o subjuntivo, diferentemente da proposta de Salles (2000), segundo a qual *para* encabeçando o infinitivo é um complementizador, equivalente a *que*+subjuntivo, no PB. Na seção 2, realizo uma revisão das propostas de análise sobre a natureza do infinitivo e da preposição em sentenças encaixadas, inclusive a hipótese de reanálise, utilizada por Salles (*op.cit.*). Em seguida, na seção 3, faço algumas considerações sobre a proposta de *para* como um complementizador similar ao *que* em orações subjuntivas, sugerindo uma reanálise alternativa para a preposição *para*, seguindo os mesmos princípios de Salles (*op.cit.*), mas chegando a conclusões diferentes.

2. *Para* como complementizador

Antes de iniciarmos a discussão a respeito do tratamento da preposição *para* como complementizador, equiparando-o a *que*, no PB, é necessário tecer algumas considerações sobre a natureza do infinitivo e da preposição nas construções encaixadas.

O infinitivo flexionado pode ser explicado, segundo Raposo (1987), através da combinação dos parâmetros INFL(ection “flexão”) e de Sujeito Nulo. Na maioria das línguas, INFL é [+finito] quando especificado pelo traço [+AGR], possibilitando a presença de um sujeito lexical, que recebe Caso (nominativo) de INFL. Já INFL [-

finito] é especificado por PRO ou traço-NP, que não exigem atribuição de Caso, uma vez que não são realizados foneticamente¹. O sujeito lexical do infinitivo flexionado (um fusão desses dois parâmetros, para Raposo) é autorizado, portanto, ou da elevação de INFL infinitivo ([-T]) para C (infinitivos de natureza categorial CP sem sujeito lexical) ou da percolação da INFL matriz à INFL encaixada (infinitivos de natureza IP). Essa questão é trazida para essa discussão apenas no intuito de verificar uma proposta explicativa para a presença de flexão no infinitivo, que não aparece nas demais línguas e, portanto, é tido como um elemento [+N].

Para o PE, ainda segundo Raposo (*op.cit.*), a posição sujeito é legitimada apenas com a presença da flexão no infinitivo. Nos casos de infinitivo não-flexionado, este aparece apenas sob controle. Isso quer dizer que a presença de um DP lexical na estrutura encaixada prescinde da presença de flexão no infinitivo:

- (1) a) A Maria ligou antes de [nós chegarmos].
 b) A Maria ligou antes de [PRO chegar].
 c) *A Maria ligou antes de [nós chegar-Ø].

Como se verifica em (1), o infinitivo pode ser encabeçado por preposição (o que nos interessa diretamente neste trabalho), mais freqüentemente com *de*, *a* e *para*, no Português (tanto PB quanto PE, exceto com *para*, no PE).

Segundo Rocha (1989), essas preposições têm um comportamento semelhante ao de complementizadores tradicionais: a preposição *a* ocorre somente em estruturas de controle obrigatório não permitindo o preenchimento da posição sujeito, comportando-se como um operador do tipo Wh; já as preposições *de* e *para* seriam introdutoras de orações cujos sujeitos podem apresentar referentes iguais ou diferentes dos da oração matriz, o que comprova, segundo a autora, a impossibilidade de regência do sujeito encaixado pela preposição encabeçadora. Para chegar a essa conclusão, a autora concebe *de* como um "real" complementizador de infinitivo e *para*

¹ Não é pertinente para a discussão a possibilidade de se atribuir Caso nulo a PRO, como sugerem Chomsky & Lasnik (1995).

como uma "preposição-complementizador" nos casos de ECM em contextos de encaixamento.

A partir dessa proposta, Botelho-Pereira & Roncaratti (1993), para explicar o fenômeno da alternância entre EU e MIM como sujeito de orações encaixadas infinitivas introduzidas por *para* no PB, sugerem dois tipos de *para* para duas estruturas distintas. São propostas pelas autoras as seguintes estruturas em (3) para as construções em (2) através do processo de reanálise da preposição proposto por Lightfoot (1991):

(2a) Maria disse pra eu sair.

(2b) Maria disse pra mim sair.

(3a) ...disse [_{SP} para [_{SC} Ø [_{SF} eu [_F F [_{SV} sair]]]]]]²

(3b) ...disse[_{SP} para[_{SC} mim [_F F [_{SV} sair]]]]

A proposta sugere haver dupla interpretação também do infinitivo: um flexionado (autorizado pela presença de FLEX (ou AGR) em COMP) e outro não-flexionado (ausência de FLEX), diferentemente do que é proposto por Raposo para o PE. Ou seja, haveria dois tipos de infinitivo: um quando aparecesse a forma nominativa do pronome de primeira pessoa do singular (nos moldes de Raposo) (ex.: *Maria disse pra eu sair-Ø*) e outro quando a forma oblíqua do pronome aparecesse (ex.: *Maria disse para mim sair*).

Em Salles (2000) é proposta a existência de uma correlação entre as estruturas de (4) e (5) no que se refere às condições de licenciamento do DP encaixado, baseada na semelhança da sintaxe do sistema pronominal de ambas as línguas (PB e Inglês). A partir dessas estruturas, ela desenvolve sua análise:

(4) a) Maria comprou um livro para *mim/ti* ler

b) Maria comprou um livro para *eu/tu* ler/leres

(5) Mary bought a book for *me/you* to read

² Mantive a notação original de Salles (2000) no exemplo (3), onde a autora usa SC (Sintagma Complementizador) pela sigla em inglês CP (Complementizer Phrase), que adoto neste trabalho.

É com base em Lightfoot (1991), Botelho Pereira & Roncaratti (1993) e Madeira (1995), que Salles propõe uma reanálise das estruturas em (4) para uma dupla categorização de *para*, e aponta uma relação estreita entre a estrutura do inglês médio e a do português, afirmando que o infinitivo em (4b) é flexionado. Para tal, Salles cita a duplicação da sentença proposta por Lightfoot (*op.cit.*), possível em PB, mas não em Português Europeu (PE), que deflagra, em predicados ditransitivos, o complemento preposicionado da oração matriz, "separando-o" da frase encaixada adjungida.

(6) a) Maria comprou um livro (para mim/eles) para eu/eles ler(em)

b) Maria comprou um livro (para mim/eles) para mim/eles ler

Lightfoot assume com Raposo (1987a, *apud* LIGHTFOOT, *op.cit.*) que

o sujeito nominativo da oração infinitiva é licenciado mediante movimento do verbo infinitivo para uma categoria funcional/flexional abstrata (CONC) na oração encaixada, a qual, para atribuir o caso nominativo ao sujeito, deve, por sua vez, receber Caso de um verbo ou de uma preposição.

Assim, em (6b) não há morfologia flexional no infinitivo, o que permite a atribuição do Caso oblíquo ao sujeito da oração encaixada. Já em (6a), o verbo infinitivo cujo sujeito é *eu* seria flexionado. O traço de flexão existente em (6a) surge, portanto, do movimento de T para C, como já visto anteriormente (cf. RAPOSO, 1987).

Baseada nisso, Salles faz uma comparação entre estruturas em que há um regente alternativo para o sujeito encaixado (*para*, em (7a) e complementizador-Ø, em (7b)):

(7) a) *Para* mim/eles fazer isso vai ser difícil

b) Eu/eles fazer(em) isso vai ser difícil

É importante ressaltar que a reanálise foi proposta inicialmente para estruturas como em (8), em que, segundo a autora, tem-se o *for* em substituição ao caso morfológico marcador do dativo benefactivo no Inglês:

(8) It is pleasant [for the rich] [for the poor] to do the hard work

"É agradável para os ricos para os pobres fazer o trabalho árduo"

É agradável para os ricos os pobres fazerem o trabalho árduo

Também é assumido pela autora, para o PB, a proposta de Madeira (1995) para o PE em construções com predicados epistêmicos-declarativos, onde C é vazio de conteúdo semântico, obrigando a inversão do auxiliar no PE (movimento de T para C), o que não aconteceria com os demais predicados, como com verbos factivos (cf. (9)). Salles (*op.cit.*) então sugere que, já que em PB não é possível essa inversão, *para* aparece em contrapartes de estruturas desse tipo: em verbos não epistêmico-declarativos, *para* é movido para C, sendo reanalisado como complementizador e, portanto, não autorizando a inversão (cf. (10)).

(9) PE

- a) Afirmou terem eles saído.
- b) *Afirmou eles terem saído.
- c) Fez eles saírem.³

(10) PB

- a) *Afirmou terem eles saído.
- b) Afirmou eles terem saído.
- c) Ordenou para ele fazer isso.
- d) *Ordenou para fazer ele isso.

Salles, enfim, propõe uma comparação entre as estruturas com *para* do PB e as do inglês com *for* (complementizador). Mas verifiquemos novamente a estrutura em (7), repetida em (11):

- (11) a) It is pleasant [for the rich] [for the poor] to do the hard work
 b) "É agradável para os ricos para os pobres fazer o trabalho árduo"
 c) É agradável para os ricos os pobres fazerem o trabalho árduo
 d) É agradável para os ricos que os pobres façam o trabalho árduo

³ Salles (2000) não dá exemplos além dos reproduzidos em (9) para predicados epistêmico-declarativos. Os exemplos restantes em (9) e (10) são acrescentados por mim.

Na sentença do inglês, em (11a), o primeiro *for* é uma preposição atribuidora do Caso objetivo ao DP pronominal e o segundo *for*, um complementizador que introduz uma sentença infinitiva. No PB, esse tipo de estrutura pode ser representado com um complementizador nulo (11c) ou um complementizador realizado⁴ (11d), mas não com *para* na sentença encaixada. Então, comparando a estrutura do Inglês com suas correspondentes no PB, podemos ver que o primeiro *para*, simetricamente ao primeiro *for*, é uma preposição, que autoriza a realização do DP. Entretanto, no PB, não há um correspondente simétrico ao segundo *for*, sendo esta posição preenchida, no PB, por um complementizador nulo ou o *que* complementizador seguido de um verbo finito (11c-d respectivamente).

Porém, é a partir dessa estrutura⁵ que é proposta, por Salles (*op.cit.*), uma equiparação da forma do infinitivo "flexionado" em (4b) com *que*+subjuntivo, com as sentenças em (12), que, segundo a autora, estariam em distribuição complementar.

- (12) a) Maria comprou um livro para *eu/tu* ler/leres
 b) Maria comprou um livro para que *eu/tu* leia/leias
 c) *Maria comprou um livro para que *mim* leia

Mas, de acordo com a comparação feita acima, conclui-se que, na verdade, o *for*-complementizador do Inglês tem apenas o

⁴ Também é possível a presença de *se* encaixado como em (i):

(i) É agradável para os ricos se os pobres fizessem o trabalho árduo.

⁵ Observe que há um problema quanto à escolha, pela autora, do contexto estrutural: ao utilizar os exemplos de (2), é sugerida uma análise envolvendo um verbo *dissendi*, mas toda a análise feita por Salles (2000) se baseia em verbos ditransitivos como *comprar*. Inicialmente, há uma superficial correlação estrutural entre o infinitivo flexionado com *para* e o subjuntivo com verbos do tipo *dissendi*:

(i) Disse pra eu fazer.

(ii) Disse que eu fizesse.

Entretanto, essa correlação é virtual, pois a proposta alternativa de análise que proponho também contempla esse tipo de estrutura, pois essas estruturas também são suscetíveis a duplicação e a reanálise como proposta mais adiante na seção 3.

complementizador *que* como correspondente em PB. O *para*, ao aparecer na estrutura finita subjuntiva, surge numa posição mais alta do que *que*, sendo este o responsável pela finitude da sentença, uma vez que age como barreira a qualquer transmissão de traços que *para* pudesse ter à sentença encaixada⁶, que pode ser verificada na impossibilidade da presença de uma forma oblíqua na oração encaixada, como em (12c).

A seguir, tecerei algumas considerações a respeito da proposta de *para* como complementizador equivalente a *que* com subjuntivo, baseando-me nos comentários feitos até então, e propondo uma posição alternativa para a preposição *para*.

3. Algumas considerações

Como vimos na seção anterior, é proposto, a partir da comparação de estruturas encaixadas infinitivas do PB e do Inglês, que o *para* encabeçando a oração infinitiva é um complementizador equivalente ao *que* em orações subjuntivas. Essa proposta se baseia em construções do Inglês Médio, quando se verificou a reanálise de *for* como um complementizador (cf. Jarad, 1997).

Revedo as sentenças em (11a-d), podemos verificar que o DP *os ricos* tem um comportamento distinto do DP *os pobres*, por serem argumentos de elementos distintos ([*para*] *os ricos* comporta-se como complemento do AP *É agradável*, enquanto *os pobres* aparece na posição sujeito da oração infinitiva). Observemos as sentenças em (13):

- (13) a) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} os ricos [_{CP} ∅ [_{IP} os pobres [_I fazem o trabalho árduo]]]]]]]
 b) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} os ricos [_{CP} ∅ [_{IP} eu [_I fazer o trabalho árduo]]]]]]]
 c) *[[_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} os ricos [_{CP} ∅ [_{IP} mim [_I fazer o trabalho árduo]]]]]]]]]

⁶ É claro que essa proposta esbarra em alguns pontos cruciais sobre uma flexão não-visível do infinitivo. Mas esta questão não será contemplada nesse trabalho por motivo de espaço e delimitação do tema.

- d) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} mim [_{CP} \emptyset [_{IP} eu [_I fazer o trabalho árduo]]]]]]]
- e) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} os ricos [_{CP} que [_{IP'} os pobres [_I façam o trabalho árduo]]]]]]]
- f) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} os ricos [_{CP} que [_{IP} eu [_I faça o trabalho árduo]]]]]]]
- g) [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} mim [_{CP} que [_{IP'} eu [_{IP} faça o trabalho árduo]]]]]]]
- h) * [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} mim [_{CP} que [_{IP} mim [_I faça o trabalho árduo]]]]]]]
- i) * [_{AP} É agradável [_{PP} para [_{DP} mim₁ [_{CP} que [_{IP} PRO₁ [_I faça o trabalho árduo]]]]]]]

Como já foi dito na seção 2, a sentença em (13a) corresponde àquela cuja reanálise é proposta para o inglês. Se pronominalizarmos os DPs em (13), veremos mais claramente a função de cada um na estrutura. Em (13b) vemos que *eu* está encaixado no CP infinitivo, onde não há nenhum elemento que licencie a forma oblíqua, causando a agramaticalidade de (13c), onde *mim* ocupa aquela posição. Já em (13d) onde o *para* possui um traço lexical forte, é licenciada a forma oblíqua. Em (13e-i), onde aparece um complementizador realizado preenchendo C, o comportamento dos elementos na sentença muda: a presença do complementizador "forte" *que* exige apenas uma forma verbal finita, não aceitando na sentença encaixada uma forma pronominal oblíqua, nem um sujeito não realizado sob controle (PRO), por conta da barreira existente (CP) (cf. Pires, 2001). Portanto, em estruturas como as de (13), não é possível uma equiparação de *para* com um complementizador, pois é clara sua posição dentro do PP complemento na oração matriz.

Mas voltemos às estruturas propostas por Salles (2000) como sendo equivalentes à forma subjuntiva com *que*, em (14a):

- (14) a) Maria comprou um livro [_{CP} para [_{IP} eu [_I F [_{VP} ler]]]] (SALLES, 2000)
- b) Maria comprou um livro [*_{CP} que [_{IP} eu [_I F [_{VP} lesse]]]]]
- c) Maria comprou um livro [*_{PP} para [_{DP} mim [_{CP} [C que [_{IP} eu [_I F [_{VP} lesse]]]]]]]]]

d) Maria comprou um livro [PP \emptyset [PP [P para [CP [C que[IP eu[_{I'} F [VP lesse]]]]]]]]]

A correspondente (substituta) de (14a) com subjuntivo, segundo proposta de Salles, seria (14b) que, em PB, não é boa⁷. E, sabendo que o verbo *comprar* exige um complemento oblíquo (preposicionado), este não poderia ser realizado, pois causaria também agramaticalidade (14c). Entretanto, ao assumirmos um *para* inserido na oração encaixada, ele não substitui *que*, mas o antecede estruturalmente.

Assim, sugiro que em sentenças como as com o verbo *comprar* em (14a), construídas com *para* e uma oração infinitiva encaixada, ocorre um processo de duplicação do PP complemento de *comprar*, proposto inicialmente por Lightfoot (1991): o primeiro *para* continua sendo parte da estrutura argumental de *comprar*, autorizando a forma oblíqua do complemento preposicionado (que pode ou não vir realizado foneticamente), e o segundo *para* seria reanalisado como uma preposição que pode ter: a) traço lexical forte, subcategorizando um IP, no caso de orações infinitivas encaixadas; ou b) traço lexical fraco, um CP, no caso de orações subjuntivas⁸. Desta forma, a presença de CP em construções infinitivas encaixadas desse tipo não seria necessária, não precisando, assim, haver movimento para licenciar a estrutura. Entretanto, não trato o P resultado da duplicação como um argumento de V matriz, mas como sendo um adjunto necessariamente requerido por sua relevância pragmática (cf. SCHULTE, 2001). Evidentemente esta discussão não cabe no escopo deste trabalho e será retomada em uma discussão posterior.

4. Conclusão

Este trabalho é parte de reflexões minhas sobre as estruturas infinitivas encaixadas preposicionadas no PB. Procurei aqui testar a validade da proposta de que *para* em orações encaixadas infinitivas

⁷ Na verdade, podemos ter uma interpretação de (14b) da seguinte forma: Maria comprou um livro que ela acha que eu consigo ler. Porém, esta leitura demanda um contexto muito específico.

⁸ Assumo aqui a proposta de Grimshaw (1991) e Thráinsson (1996) *apud* Costa e Gonçalves (1999) de que "functional categories are only projected when necessary" (p.68).

com DP lexical pronominal é reanalisado como um complementizador, podendo assim ser correlacionado com o complementizador *que* antecedente de uma oração subjuntiva (SALLES, 2000). Os exemplos mostrados indicam que a proposta de reanálise como é feita é incompatível com construções encaixadas, pois o *para* não é substituído por *que* na conversão de infinitivas em subjuntivas, mas aparece obrigatoriamente antecedendo o complementizador, funcionando, assim, como uma preposição com traço lexical enfraquecido, caso contrário, geraria sentenças agramaticais. Quanto à natureza categorial do *para* da oração adjungida, vimos que, na estrutura encaixada, este não preenche C, mas é fruto de uma duplicação do PP complemento do verbo matriz reinterpretado ora como ainda uma preposição com traço lexical forte, subcategorizando um IP, mas não deixando de ser um adjunto, ora com o traço lexical enfraquecido, subcategorizando um CP subjuntivo. Algumas questões importantes, como a possibilidade de *mim/eu* co-ocorrerem dentro do IP infinitivo e/ou a interferência da natureza de *para* na alternância entre estes pronomes no PB, não foram trazidas para o texto, mas serão tratadas em trabalhos futuros.

Referências

- BOTELHO-PEREIRA, M. A. & RONCARATI, C. N. O caso do sujeito em orações infinitivas introduzidas por 'para' no português do Rio. In: *Revista D.E.L.T.A.*, v.9, n.1, 1993.
- COSTA, J. & GONÇALVES, A. *Minimal Projections: evidence from defective constructions in European Portuguese*. In: *Catalan Work Papers in Linguistics*, v.7, 1999, p. 59-69.
- CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. A teoria dos princípios e parâmetros. In: CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999, p. 51-195.
- JARAD, N. *The origin and development of for-infinitives*. PhD dissertation, University of Wales, 1997.
- LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge: MIT Press, 1991.

MADEIRA, A.M. *Topics in Portuguese Syntax: the licensing of T and D*. PhD dissertation, University College of London, 1995.

PIRES, A.M.G. *The Syntax of Gerunds and Infinitives: Subjects, Case and Control*. PhD dissertation, University of Maryland, College Park, 2001.

RAPOSO, E. Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, 18(1), p.85-109.

ROCHA, M. A. de F. *Complementizadores no Português do Brasil: uma abordagem inter- e intra-sistêmica*. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes/ UNICAMP, 1989.

SALLES, H.M.M. *Preposição para introdutora de orações infinitivas*. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), Florianópolis - SC, v. 1, p. 1061-1067, 2000.

SCHULTE, K. Pragmatic Relevance as Cause for Syntactic Change: The emergency of prepositional complementizer in Romance. In: BLAKE, B. & BURRIDGE, K. *Historical Linguistics 2001: Selected Papers from the 15th International Conference on Historical Linguistics*, Melbourne, 13-17 August 2001. p. 377-389. Amsterdam: J. Benjamins.